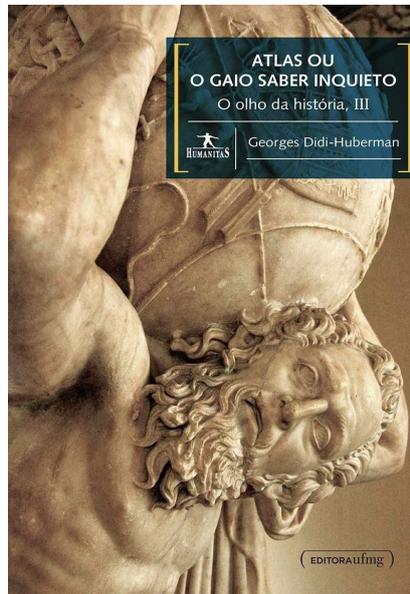


INQUIETAÇÕES DE ATLAS E DO GAIO SABER ATLAS AND GAIUS RESTLESSNESS

Sabrina Fernandes Melo¹

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou o gaio saber inquieto - O olho da história III*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 458p. – ISBN: 978-85-423-0240-0



RESUMO: Resenha crítica do livro *Atlas ou o Gaio Saber Inquieto - O Olho da História III* do historiador da arte francês Georges Didi-Huberman. O livro foi publicado em 2018, pela Editora UFMG. É dividido em três capítulos que discorrem, entre textos e imagens, sobre o Atlas Mnemosyne elaborado por Aby Warburg entre 1924 e 1929 e seus diálogos e relações com a memória inquietada das imagens e os desastres da história.

Palavras-chave: Atlas Mnemosyne; Aby Warburg; Arte; Montagem.

ABSTRACT: Critical review of the book *Atlas, or the Anxious Gay Science - The Eye of History III* by the French art historian Georges - Didi Huberman. The book was published in 2018, by Editora UFMG. It is divided into three chapters that discuss, between texts and images, about the Atlas Mnemosyne elaborated by Aby Warburg between 1924 and 1929 and its dialogues and relations with the restless memory of images and the disasters of history.

Keywords: Atlas Mnemosyne; Aby Warburg; Art; Mounting Assemblage.

¹ Professora Adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e professora permanente no Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV/UFPB/UFPE. E-mail: sabrina.melo@academico.ufpb.br

Nas primeiras páginas do livro encontram-se epígrafes das obras de Goya, Goethe e Nietzsche, nomes retomados pelo historiador da arte francês Georges Didi-Huberman no decorrer de sua narrativa, cujo objetivo central é percorrer os labirintos formados por Atlas e seu gaio saber inquieto. O livro se divide em três partes e apresenta aos leitores uma análise teórica, filosófica e imagética dos caminhos percorridos por Atlas como um titã que carrega o fardo do mundo e como um atlas de imagens repleto de inesgotáveis (re) montagens.

Ao entender o Atlas como objeto anacrônico onde tempos heterogêneos trabalham juntos, Didi-Huberman analisa o Atlas Mnemosyne elaborado pelo historiador da Arte alemão Aby Warburg entre 1924 e 1929 como herança estética, ao criar uma forma de dispor imagens sobre uma prancha e como herança epistêmica, ao inaugurar um novo gênero de saber. Didi-Huberman entende o Atlas como figura mitológica e metodológica. Atlas, um titã irmão de Prometeu, ser monstruoso e destemido que disputa com os deuses os poderes sobre o mundo. Como castigo dos deuses, Atlas suportou o peso do mundo sob suas costas. Portar o peso do mundo demonstra sua força, sofrimento e ao mesmo tempo a potência de conhecer.

Em *Disparidades. Ler o que nunca foi escrito*, Didi-Huberman apresenta as inúmeras possibilidades do conhecimento construído pela imaginação, faculdade importante para autores como Baudelaire, Benjamin, Goethe e Warburg cuja imaginação materializou-se em imagens dispostas nas pranchas de seu Atlas Mnemosyne.

O Atlas é entendido como uma potente forma visual do saber (paradigma epistêmico) e uma sábia forma de ver (paradigma visual). Ele subverte as narrativas hegemônicas e cria conexões inéditas ao introduzir a dimensão das sensibilidades, do diverso, da impureza e da potência das imagens. O Atlas e o processo de montagem quando associados às teorias do conhecimento possibilitaram – e ainda possibilitam – o questionar das Ciências Humanas, das Artes e das visualidades, tarefa realizada por Warburg a partir de suas mesas de montagem.

Aby Warburg não sistematizou uma metodologia fechada envolvendo o Atlas Mnemosyne e o recuso de montagem. Seu Atlas é arbitrário e a disposição das imagens sob as pranchas promove fissuras no conhecimento canônico e seus enquadramentos. O Atlas opera com o relacional, com analogias próprias da potência da montagem e de uma “iconologia dos intervalos”.

Aby Warburg toma como referência as polaridades do Atlas para pensar a sociedade mediterrânea a partir da tragédia (monstra) e do saber e pensamento (astra) e elabora uma crítica a suposta coerência cientificista do mundo moderno e da tradição canônica e fechada do conhecimento e da produção do gênio artístico. Para além das formas, os conteúdos das ciências da cultura/humanas também se alteram. Artistas repensam seus processos e questionam a forma pela qual as artes visuais são elaboradas.

O Atlas delega à montagem uma capacidade de produzir, pelo encontro de imagens, um conhecimento dialético da cultura ocidental. Warburg concebe esse conhecimento como tragédia em constante renovação, sintetizada pela razão e desrazão ou “entre os *astra* daquilo que nos

leva ao céu do espírito e os *monstra* daquilo que remete ao abismo do corpo” (WARBURG apud HUBERMAN, p.29). Ao reunir coisas viscerais (*monstra*) e siderais (*astra*) sob a mesma prancha, Warburg entende o Atlas como herança de nosso tempo. Coloca em diálogo saberes e imagens que trabalham juntos para a elaboração de um gaio saber inquieto, formulado por Nietzsche como algo fundamental desta herança.

Em *Atlas “Suportar o Mundo Inteiro de Sofrimentos”*, segundo capítulo do livro, Didi-Huberman se concentra na saga de Atlas, o titã que se dobrava sob o fardo do mundo. O fardo de Atlas que se desdobra em uma oficina de pensamento inesgotável, inacabado e em constante produção de um saber inquieto e inquietante. O quadro associativo de imagens de Aby Warburg foi chamado de ‘Atlas Mnemosyne’ não arbitrariamente, mas como alegoria para a resposta da gaia ciência a partir do saber trágico e sofrido (*Nachleben*). O exílio de Atlas foi um enorme castigo, entretanto, em meio ao suplício, ele expandiu-se e, segundo Didi-Huberman, não escapou ao *Nachleben*. A petrificação de Atlas não é reduzida a morte, pois ele prolifera para algo grandioso e movente: a montanha (o Atlas), o Oceano (Atlântico), estátuas monumentais (Atlantis), mostrando a recorrência e a função heurística e classificatória dos mitos.

A gaia ciência para Aby Warburg, ao se aproximar do pensamento de Nietzsche no *Nascimento da Tragédia e Genealogia da Moral*, reconhece o mundo e o torna problemático. Ela não revoga o sujeito de seu objeto e compreende o saber como uma força para além do simples conteúdo objetivo ao reconhecer no saber uma força para além de um mero conteúdo. Didi-Huberman compara o sujeito do gaio saber a um vulcão em erupção, marcado pela errância e instabilidade e, assim como o Atlas, um apátrida. Este capítulo trata ainda das amostras do caos, ou da poética dos fenômenos a partir da discussão de algumas coleções dentre elas, a do Goethe, que conta com cerca de 40 mil objetos como pedras, gravuras, livros, esculturas e textos, acumulados durante 57 anos. Objetos diversos que tem em comum pontos e afinidades eletivas, como demonstra Didi-Huberman em sua análise. O autor nos apresenta questões sobre a teoria do conhecimento, ao entender sua configuração por uma dupla perspectiva: amostragem e caos e a partir de uma aproximação poética e teórica entre o Atlas Mnemosyne de Warburg e a amostragem do caos em Goethe.

No último capítulo do livro, intitulado *Desastres. O Deslocamento do Mundo, esse é o Assunto da Arte*, Didi-Huberman discorre sobre as tragédias da cultura moderna apontando a potência filosófica do Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, um projeto inacabado que buscou tencionar a disciplina histórica com uma ciência da cultura ao provocar cortes visuais nos planos da história como uma resposta às aporias impostas pela modernidade. Huberman relembra outros intelectuais, contemporâneos a Warburg como Walter Benjamin, George Bataille, Sigmund Freud, August Sandler entre outros, que também trabalharam com a construção de um conhecimento não estandarizado, por montagens.

Apesar da inovação e em certa medida, da audácia produzida por um saber através de montagens sob as pranchas de um Atlas, Huberman aponta que as propostas teóricas de Warburg permaneceram silenciadas, tanto em Erwin Panofsky como em Ernst Gombrich, o que conseqüentemente o fez “recuar, para mantê-lo obstinadamente no coração de um século XIX obsoleto, tendo como apoio as fontes – Charles Darwin, Robert Tito Vignoli” (HUBERMAN, 2018, p. 203). A produção de Aby Warburg foi mal interpretada em seu tempo e sua produção é retomada com grande força na contemporaneidade, sendo Didi-Huberman um de seus principais intérpretes.

Em seu livro, Didi-Huberman busca apresentar ao leitor o Atlas Mnemosyne como questão teórica e prática. O autor busca desmitificar caracterizações direcionadas ao Atlas como objeto anômico e mudo ao apontar que Warburg elaborou longos manuscritos entre 1927 e 1929 que seriam publicados em dois volumes, com o objetivo de comentar a elaboração das pranchas. Portanto, Huberman aponta o Atlas como parte do *Denkraum*, ou do espaço de pensamento warburguiano. Warburg não intencionava criar um pensamento enciclopédico relacionado ao arquivo ou ao dicionário, ou seja, sua questão transitava em como apresentar uma narrativa permeada por imagens distantes temporal e espacialmente e como tais imagens poderiam ser vistas como argumentos, para além de ilustrações.

Portanto, o Atlas nos coloca hoje diante de uma questão importante e urgente para a História da Arte, o que Didi Huberman aponta como um novo início da historiografia das imagens. Imagens que podem fissurar e revolucionar nossa própria linguagem e perturba os modelos evolutivos da História da Arte Ocidental. O objetivo do Atlas, segundo Huberman, não é responder questões da História, mas torná-la mais complexa, permeada por múltiplas temporalidades, camadas de memória e sobrevivências inerentes a um gaio saber inquieto e inquietante.

REFERÊNCIA

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou o gaio saber inquieto. O olho da história III**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

Recebido em: 26/05/2021
Aceito em: 10/09/2021